



«INDISPENSÁVEL.»
MIKHAIL GORBACHEV

A HISTÓRIA NÃO CONTADA DOS ESTADOS UNIDOS

ASCENSÃO E QUEDA DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO

OLIVER STONE

Realizador, vencedor de três Óscares

PETER KUZNICK

Historiador

v o g a i s

ÍNDICE

Agradecimientos	11
Capítulo 1	15
Capítulo 2	45
Capítulo 3	71
Capítulo 4	95
Capítulo 5	121
Capítulo 6	151
Capítulo 7	177
Capítulo 8	205
Capítulo 9	233
Capítulo 10	269
Capítulo 11	301
Capítulo 12	331
Créditos fotográficos	361

*Aos nossos filhos — Tara, Michael, Sean, Lexie, Sara e Asmara —
e ao mundo melhor que eles e todas as crianças merecem.*

AGRADECIMENTOS

Para um projeto com esta abrangência foi necessário o apoio, a ajuda e a paciência de um grande número de pessoas. No que diz respeito às *filmagens*, gostaríamos de agradecer a: Fernando Sulichin, por ter encontrado o financiamento necessário e mantido o sangue-frio durante os tempos mais difíceis; Rob Wilson e Tara Tremaine foram os pilares desde o início, pesquisando arquivos pelo mundo fora; Alex Marquez editou intermitentemente durante quatro anos e muitas madrugadas, assistido a espaços por Elliot Eisman, Alexis Chavez e Sean Stone; no som, Craig Armstrong, Adam Peters e Budd Carr — e Wylie Stateman; no secretariado, Evan Bates e Suzie Gilbert; e Steven Pines por ter sabido gerir o dinheiro a partir do nada. Um agradecimento especial à Showtime, ao longo de duas administrações diferentes — David Nevins, pela sua perspicácia, e a ajuda de Bryan Lourd, Jeff Jacobs, Simon Green e Kevin Cooper.

No que diz respeito ao livro, estamos em dívida para com os colegas do Peter e seus alunos pós-graduados do Departamento de História da American University. Max Paul Friedman emprestou o seu conhecimento sobre a história da política externa dos Estados Unidos ao ler minuciosamente todo o manuscrito, desafiando algumas das nossas interpretações e poupando-nos a pequenos e grandes erros. Uma vez que as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, e entre os Estados Unidos e a Rússia, têm tanto destaque na nossa História, baseámo-nos fortemente no conhecimento do historiador russo Anton

Fedyashin, que se mostrou sempre disponível para responder a perguntas e para verificar fontes em russo, de modo a que tudo batesse certo. Entre outros colegas do Peter que contribuíram generosamente em questões relacionadas com os seus próprios campos de estudo histórico, encontram-se os professores Mustafa Aksakal, Richard Breitman, Phil Brenner, Ira Klein, Allan Lichtman, Eric Lohr e Anna Nelson.

Entre os estudantes pós-graduados, Eric Singer e Ben Bennett foram indispensáveis. Roubaram tempo considerável às suas pesquisas para ajudarem numa miríade de tarefas de investigação. O Eric revelou-se um mestre a localizar informação obscura que mais ninguém conseguia encontrar. O Ben, a par dos seus muitos contributos, ficou encarregado de descobrir as imagens que conferem uma dimensão muito importante a este livro. Entre outros atuais e antigos estudantes de doutoramento que trabalharam intensamente neste projeto incluem-se Rebecca DeWolf, Cindy Gueli, Vincent Intondi, Matt Pembleton, Terumi Rafferty-Osaki e Jay Weixelbaum. Pesquisa adicional e pistas proveitosas foram fornecidas por Daniel Cipriani, Nguyet Nguyen, David Onkst, Allen Pietrobon, Arie Serota e Keith Skillin.

Inúmeros amigos e colegas também se revelaram, ao longo do processo, ajudas inestimáveis. Daniel Ellsberg foi de uma generosidade extrema pela sua sagacidade, as suas sugestões, leituras críticas e apoio entusiástico. Os seus conhecimentos sobre grande parte desta história permanecem insuperáveis. Entre outros académicos que generosamente ofereceram o seu tempo e conhecimento, respondendo a perguntas e sugerindo documentos, estão Gar Alperovitz, Robert Berkowitz, Bill Burr, Bob Dreyfuss, Carolyn Eisenberg, Ham Fish, Michael Flynn, Irena Grudzinska Gross, Hugh Gusterson, Anita Kondoyanidi, Bill Lanouette, Milton Leitenberg, Robert Jay Lifton, Arjun Makhijani, Ray McGovern, Roger Morris, Satoko Oka Norimatsu, Robert Norris, Robert Parry, Leo Ribuffo, Jonathan Schell, Peter Dale Scott, Mark Selden, Marty Sherwin, Chuck Strozier, Janine Wedel e Larry Wittner.

Uma vez que o projeto levou o tempo que levou, lamentámos a perda de quatro dos nossos maiores apoiantes neste percurso — Howard Zinn, Bob Griffith, Charlie Wiener e Uday Mohan.

Barbara Koeppel deu-nos uma ajuda extra com as imagens e as legendas. Erin Hamilton contribuiu com valiosos pontos de vista sobre o Chile. Matt Smith e Clement Ho, da biblioteca da American University, foram extremamente prestáveis ao encontrarem fontes e disponibilizarem outro tipo de ajuda.

A equipa da Gallery Books fez tudo ao seu alcance para responder aos nossos pedidos, frequentemente exigentes, à medida que nos apressávamos para concluir os dois projetos dentro do prazo. Estamos especialmente em dívida para com o nosso editor, Jeremie Ruby-Strauss, e a sua assistente, Heather Hunt. Também gostaríamos de agradecer a Louise Burke, Jen Bergstrom, Jessica Chin, Emily Drum, Elisa Rivlin, Emilia Pisani, Tricia Boczkowski, Sally Franklin, Jen Robinson, Larry Pekarek e Davina Mock.

A Lexie, filha do Peter, e Simki Kuznick, sua mulher, ajudaram na investigação e nas notas de rodapé; Simki reviu inúmeras versões deste manuscrito com a perícia de uma editora e o olhar de uma poeta.

CAPÍTULO 1



As eleições presidenciais de 2000, que opuseram George Bush a Al Gore, confrontaram o povo norte-americano com uma escolha inevitável entre duas diferentes visões de futuro. Poucos recordam que exatamente cem anos antes o povo norte-americano tinha sido chamado a fazer uma escolha semelhante. Pediu-se-lhe que decidisse se os Estados Unidos deveriam ser uma república ou um império.

A visão de futuro do presidente em exercício, William McKinley, assentava no «comércio livre» e num império ultramarino. Em oposição, o democrata William Jennings Bryan era um declarado anti-imperialista.

Poucos se aperceberam de uma terceira escolha — o candidato presidencial socialista Eugene V. Debs. O movimento socialista representava a nova classe operária. Para os socialistas, o império significava uma única coisa — exploração.

A campanha de McKinley fez da economia florescente e da vitória sobre Espanha, em 1898, a sua bandeira. McKinley acreditava que os Estados Unidos tinham de se expandir para sobreviver.

Bryan, um populista do Nebraska, conhecido como «O Grande Homem do Povo»¹, era um inimigo dos magnatas industriais e dos banqueiros. Estava convencido de que a visão de McKinley teria resultados catastróficos. Citou a frase de Thomas Jefferson: «A haver

¹ *The Great Commoner*, no original. [N. do T.]

um princípio mais profundamente enraizado no pensamento de todos os norte-americanos, será o de que não deveríamos ter nada que ver com conquistas.»

Tendo já anexado várias colónias estrangeiras — Filipinas, Guam, Samoa Americana, ilhas Wake e Midway, Havai e Porto Rico — e praticamente garantido o controlo de Cuba, os Estados Unidos estavam prestes a traír a sua mais preciosa dádiva à humanidade.

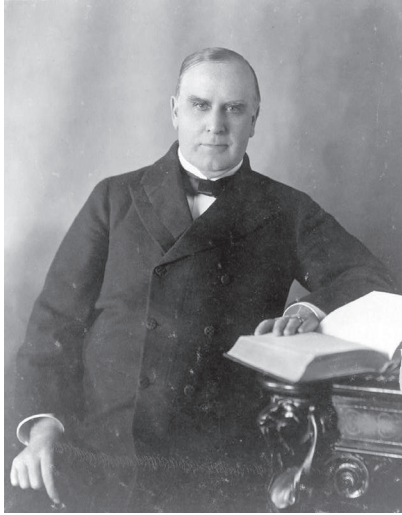
Enquanto a maioria dos norte-americanos pensava que os Estados Unidos haviam cumprido o seu «destino manifesto» ao espalharem-se através da América do Norte, foi William Henry Seward, secretário de Estado de Abraham Lincoln e de Andrew Johnson, quem formulou uma conceção muito mais grandiosa do império norte-americano. Ele ambicionou adquirir o Havai, o Canadá, o Alasca, as Ilhas Virgens, a ilha Midway e partes de Santo Domingo, Haiti e da Colômbia. A maioria deste sonho viria a concretizar-se.

Mas enquanto Seward sonhava, os impérios europeus agiam. A Grã-Bretanha liderou esse processo nos últimos 30 anos do século XIX, ao devorar 7,6 milhões de quilómetros quadrados de território, uma área significativamente maior do que a dos Estados Unidos. A Grã-Bretanha, à semelhança dos romanos de outrora, acreditava que a sua missão era trazer a civilização à humanidade. A França acrescentou 5,6 milhões de quilómetros quadrados aos seus domínios. A Alemanha, que começou tarde, somou 1,6 milhões de quilómetros quadrados. Apenas o império espanhol estava em declínio.

Em 1878, os impérios europeus e as suas antigas colónias controlavam 67 por cento da superfície terrestre. E, cerca de 1914, controlavam uns avassaladores 84 por cento. Nos anos 90 do século XIX, os europeus assenhorearam-se de 90 por cento de África, sendo que a parte de leão foi reclamada pela Bélgica, Grã-Bretanha, França e Alemanha.

Os Estados Unidos ansiavam por compensar o tempo perdido, e, embora o «império» fosse um conceito pouco simpático aos norte-americanos, a maioria descendente de emigrantes, vivia-se então uma era dominada pelos *robber barons*² — em particular, uma aristocracia

² Literalmente, «barões ladrões». [N. do T.]



A eleição presidencial de 1900 opôs o republicano William McKinley (à esquerda), um entusiasta do império norte-americano e forte defensor dos valores da Costa Leste, ao democrata William Jennings Bryan (à direita), um populista do Midwest e declarado anti-imperialista. Com a vitória de McKinley, as advertências de Bryan contra o império norte-americano viriam a ser tragicamente ignoradas.

conhecida como os «400», com grandes propriedades, exércitos privados e legiões de trabalhadores. Homens como J.P. Morgan, John D. Rockefeller e William Randolph Hearst detinham um poder desmesurado.

A classe capitalista, assombrada por aparições dos trabalhadores revolucionários que formaram a comuna de Paris de 1871, congeminou pesadelos semelhantes, em que radicais perturbavam o sistema nos Estados Unidos. Estes radicais ou partidários da comuna de Paris foram também apelidados de comunistas, mais de 50 anos antes da Revolução Russa de 1917.

A rede de caminhos de ferro de Jay Gould, com mais de 24 mil quilómetros, simbolizava o pior dos *robber barons*. Gould era talvez o homem mais odiado dos Estados Unidos, chegando certa vez a gabar-se de poder «contratar metade da classe operária para matar a outra metade».

Quando o pânico financeiro da «Sexta-Feira Negra» de 1893 atingiu Wall Street, desencadeou a pior depressão que o país conhecera até à data. Inúmeras fábricas, indústrias, fornalhas e minas encerraram por

toda a parte. Quatro milhões de trabalhadores perderam os seus lugares. O desemprego atingiu os 20 por cento.

O Sindicato dos Caminhos de Ferro Norte-Americanos, encabeçado por Eugene Debs, reagiu aos lay-offs e cortes nos ordenados da Palace Car Company de George Pullman e bloqueou as linhas de caminhos de ferro do país. O exército federal foi enviado em socorro dos magnatas das linhas férreas. Dezenas de trabalhadores morreram e Debs passou seis meses na prisão.

Os socialistas, sindicalistas e reformistas no interior do país protestaram, afirmando que as depressões cíclicas do capitalismo resultavam do baixo nível de consumo da classe operária. Com fotografias pioneiras, Jacob Riis chocou a nação ao documentar a miséria dos pobres de Nova Iorque. Os líderes da classe operária reivindicavam a redistribuição da riqueza internamente, de modo a que os trabalhadores tivessem poder de compra suficiente para adquirir os bens que produziam nas quintas e nas fábricas dos Estados Unidos.

Mas os 400 — os oligarcas — responderam que isso era uma forma de socialismo. Disseram que seria possível haver um bolo maior para todos e defenderam que os Estados Unidos teriam de competir com os outros impérios e dominar o comércio mundial para que os estrangeiros absorvessem os seus excedentes em crescimento. O lucro estava claramente para lá das fronteiras — no comércio, na mão de obra e nos recursos baratos.

O grande prémio era a China. Para entrar neste vasto mercado, os Estados Unidos precisariam de uma marinha moderna, com uma armada movida a vapor e bases por todo o mundo para competir com o império britânico, que tinha a sua principal concessão no porto de Hong Kong. Rússia, Japão, França e Alemanha digladiavam-se para entrar na China.

Os homens de negócios começaram a fazer pressão, exigindo um canal que atravessasse a América Central, o que ajudaria a abrir as portas da Ásia.

Em 1898, neste ambiente de competição global, os Estados Unidos anexaram o Havai. Quase cem anos depois, uma resolução do Congresso veio apresentar um pedido de desculpas aos «nativos do Havai» por os ter privado do seu direito à «autodeterminação».

Cuba, a menos de 160 quilômetros da costa da Florida, revoltara-se contra o domínio corrupto de Espanha, e esta reagiu, aprisionando grande parte da população em campos de concentração, nos quais 95 mil cubanos morreram de doença. À medida que a luta se intensificava, poderosos banqueiros e homens de negócios, como Morgan e os Rockfellers, que tinham milhões de dólares investidos na ilha, exigiram que o presidente agisse — para salvaguardar os seus interesses.

O presidente McKinley enviou o couraçado USS *Maine* para o porto de Havana como um aviso aos espanhóis de que os Estados Unidos iriam defender os interesses norte-americanos.

Numa noite de fevereiro de 1898, com o calor tropical a mais de 38 graus, o *Maine* explodiu de repente, matando 254 marinheiros, alegadamente sabotado pelos espanhóis. A imprensa sensacionalista dos Estados Unidos, liderada pelo *New York Journal*, de William Randolph Hearst, e pelo *New York World*, de Joseph Pulitzer, protagonizou uma reação desenfreada nos tabloides, criando um sentimento popular favorável à guerra.

O *Journal* proclamou: «Não esqueçam o Maine, para o diabo com a Espanha!» Milhões leram, convencidos de que a Espanha, este poder católico decadente, era capaz de qualquer feito maléfico para preservar o seu império. Quando McKinley declarou guerra a Espanha, Hearst reivindicou os louros: «Estão a gostar da guerra do *Journal*?», perguntou.

Frequentemente recordada pela simbólica e inventiva tomada de Teddy Roosevelt da Colina de San Juan, a Guerra Hispano-Americana chegava ao fim no espaço de três meses. O secretário de Estado John Hay apelidou-a de «esplêndida guerrinha». Das quase 5500 baixas norte-americanas, menos de 400 ocorreram em batalha, sendo que os demais morreram de doença.

Smedley Darlington Butler, de 16 anos, mentiu sobre a sua idade e alistou-se nos fuzileiros. Tornar-se-ia um dos heróis militares mais famosos dos Estados Unidos, conquistando duas medalhas de honra numa carreira que acompanharia os primeiros passos imperiais dos Estados Unidos.

Com a vitória, os homens de negócios norte-americanos precipitaram-se em massa, lançando mão a todos os bens que conseguiram,

fazendo de Cuba praticamente um protetorado. A United Fruit Company reservou logo 769 mil hectares para produção de açúcar. Em 1901, a Bethlehem Steel e outras companhias norte-americanas detinham mais de 80 por cento dos minérios cubanos.

Mais de 70 anos depois, em 1976, uma investigação oficial pouco divulgada da marinha descobriu que a causa mais provável do afundamento do *Maine* foi uma caldeira que explodiu por causa do calor tropical, levando a que o depósito de munições do navio fosse pelos ares. Tal como no Vietname e nas duas guerras do Iraque, os Estados Unidos, baseando a sua reação em dados falsos dos serviços secretos, entraram em guerra porque quiseram.

Entre o furor da vitória, contudo, os Estados Unidos depararam com um problema muito maior. Tinham adquirido aos espanhóis uma gigantesca mas decadente extensão de terra no Extremo Oriente — as ilhas Filipinas, encaradas como uma paragem ideal de reabastecimento para os navios que se dirigiam à China. À semelhança da invasão de Bagdade em 2003, os primeiros combates foram um êxito. O comodoro George Dewey destruiu a frota espanhola na Baía de Manila em maio de 1898. Um anti-imperialista frisou: «Para tomar Manila, Dewey perdeu um único homem e todas as nossas instituições.»

A Liga Anti-Imperialista, fundada em Boston em 1898, procurou bloquear a anexação norte-americana das Filipinas e de Porto Rico. Nas suas fileiras incluía-se Mark Twain, que deixou a famosa pergunta: «Devemos continuar a levar a nossa civilização aos povos na escuridão ou devemos deixar as pobres almas em paz?»

O presidente McKinley seguiu a primeira via, escolhendo finalmente a anexação. «Não tivemos alternativa», afirmou, «a não ser conquistar essa terra e educar os filipinos e elevá-los, civilizá-los, cristianizá-los e, pela graça de Deus, fazer por eles o que estava ao nosso alcance, como nossos semelhantes por quem Cristo também morreu.»

McKinley deparou-se com um problema grave — os próprios filipinos. Sob a liderança inflamada de Emilio Aguinaldo, os filipinos tinham estabelecido a sua própria república em 1899, após a libertação do domínio espanhol, e, como os rebeldes cubanos, esperavam que os Estados Unidos a reconhecessem. Sobrestimaram o seu aliado, e agora

retaliavam. Após um protesto houve muitos norte-americanos mortos nas ruas de Manila. A imprensa sensacionalista dos Estados Unidos clamou por vingança contra os bárbaros. A tortura, incluindo o afogamento simulado, tornou-se rotina. Os insurgentes, ou «os nossos irmãozinhos castanhos», como William Howard Taft, governador-geral das Filipinas, lhes chamava, eram torturados com água salgada até incharem como sapos, «para os fazer falar». Numa carta, um soldado escreveu: «Todos queríamos matar “pretos”. (...) Disparar contra seres humanos bate aos pontos a caça aos coelhos.»

Foi uma guerra de atrocidades. Quando os rebeldes emboscaram tropas norte-americanas na ilha de Samar, o coronel Jacob Smith ordenou aos seus homens que matassem todos os que tivessem mais de 10 anos e transformassem a ilha num «deserto inabitável».

Mais de quatro mil soldados norte-americanos não regressariam desta guerra de guerrilha, que durou três anos e meio. Foram mortos 20 mil guerrilheiros filipinos e 200 mil civis pereceram — muitos vitimados pela cólera. Mas graças aos relatos distorcidos da imprensa, os norte-americanos do continente confortaram-se com a ideia de que tinham levado a civilização a um povo atrasado.

A sociedade norte-americana tornou-se mais insensível com esta guerra. A doutrina da superioridade anglo-saxónica, que justificava um império nascente, envenenava também as relações internas, à medida que os racistas do sul, recorrendo a argumentos semelhantes, intensificavam a sua campanha para inverter o resultado da Guerra Civil, fazendo passar novas leis segregacionistas que instauravam a supremacia branca e a discriminação.

Na China, semelhante anseio de independência conduziu a uma rebelião vinda de dentro: a Revolta dos Boxers, entre 1898 e 1901. Nacionalistas chineses ergueram-se furiosamente para assassinar missionários e expulsar todos os invasores estrangeiros. McKinley enviou cinco mil soldados para ajudar os europeus e os japoneses a derrotarem os rebeldes.

O tenente Smedley Butler encontrava-se entre as forças invasoras que lideraram os fuzileiros até Pequim, onde viu em primeira mão a forma como os europeus vitoriosos tratavam os chineses. Ficou enojado.



- ▲ Cultivo de uma plantação de açúcar cubana.
- ▶ O edifício de escritórios da United Fruit Company, em Nova Orleães. A Guerra Hispano-Americana revelou-se muito lucrativa para os homens de negócios norte-americanos. Quando terminou a guerra em Cuba, a United Fruit comprou 769 mil hectares de terra cubana ao preço de 50 centimos o hectare.



Portanto, tal como em 2008, a eleição norte-americana de 1900 decorreu com tropas dos Estados Unidos destacadas em inúmeros países — neste caso, na China, em Cuba e nas Filipinas. E, mesmo assim, McKinley, colhendo os louros da vitória sobre Espanha, derrotou Bryan por uma margem superior à de 1896. Com menos de um por cento, o socialista Eugene Debs quase não apareceu no escrutínio final. Os norte-americanos tinham claramente apoiado a visão do comércio e do império de McKinley.



Durante a Guerra Hispano-Americana nas Filipinas, as atrocidades eram frequentes. Os soldados norte-americanos recorreram à tortura hoje conhecida como «afogamento simulado». Um repórter escreveu: «Os nossos soldados enchiam os homens de água salgada “para os fazer falar”.»

No auge da sua popularidade, em 1901, McKinley foi morto por um anarquista. O assassino queixara-se das atrocidades norte-americanas cometidas nas Filipinas. O novo presidente, Theodore Roosevelt, um imperialista ainda mais despudorado, continuou as políticas expansionistas de McKinley. E Roosevelt, ao orquestrar uma revolução no Panamá, uma província da Colômbia, assinou um tratado com o recém-criado governo panamiano para a concessão da Zona do Canal, recebendo os mesmos direitos de intervenção que os Estados Unidos haviam já imposto a Cuba. O canal foi construído a muito custo, e finalmente inaugurado em 1914.

Nos anos que se seguiram, os fuzileiros dos Estados Unidos foram repetidamente enviados para proteger alvos comerciais norte-americanos, no que se passou a chamar «Repúblicas das Bananas». Estas eram consideradas atrasadas e necessitadas de governos fortes, encabeçados por ditadores por vezes brutais, capazes de obrigar os trabalhadores e camponeses resistentes a engolirem os interesses dos Estados Unidos.



Cadáveres de filipinos. Um repórter de Filadélfia escreveu que os soldados enfileiravam filipinos numa ponte, disparavam e atiravam os seus corpos ao rio, para que flutuassem com a corrente e fossem vistos por todos.

Cuba, Honduras, Nicarágua, República Dominicana, Haiti, Panamá, Guatemala, México. As ocupações dos Estados Unidos duravam frequentemente anos, por vezes décadas.

Ninguém teve mais experiências diretas de intervenção noutros países do que Smedley Butler, agora major-general do Corpo de Fuzileiros. Era adorado pelos seus homens, que lhe chamavam «Old Gimlet Eye»³ devido a um ferimento contraído nas Honduras. E no final do seu longo e altamente condecorado tempo de serviço, refletiu sobre os anos passados em uniforme. No seu livro *War is a Racket* escreveu: «Cumprí trinta e três anos e quatro meses de serviço ativo como membro da força militar mais ágil deste país, o Corpo de Fuzileiros. Servi em todas as patentes de oficial, desde segundo-tenente a major-general. E durante aquele período passei a maior parte do tempo a servir de segurança de primeira classe para os grandes grupos económicos, para Wall Street e para os banqueiros. Em suma, fui um

³ «Velho olho de lince», no original. [N. do T.]

O general Smedley Butler lutou nas Filipinas, na China e na América Central. Escreveu que foi «segurança de primeira classe para os grandes grupos económicos, para Wall Street e para os banqueiros... Um *gangster* ao serviço do capitalismo».



escroque, um *gangster* ao serviço do capitalismo. Na altura, suspeitava de que fazia parte de um esquema. Agora tenho a certeza. Como todos os elementos da profissão militar, nunca tive um pensamento próprio até deixar o serviço. (...) Em 1914, ajudei a tornar o México, especialmente Tampico, seguro para os interesses do petróleo norte-americano. Ajudei a tornar o Haiti e Cuba lugares decentes para que os rapazes do National City Bank viessem recolher os seus lucros. Ajudei a violar meia dúzia de repúblicas centro-americanas para beneficiar Wall Street. O registo de extorsões é longo. Ajudei a purificar a Nicarágua para o banco internacional dos Brown Brothers, de 1909 a 1912. Trouxe luz à República Dominicana para os interesses do açúcar norte-americano, em 1916. Na China, ajudei a garantir que a Standard Oil operava sem perturbações. Durante todos esses anos, tive, como os rapazes da máfia diriam, um bom esquema. Olhando para trás, penso que podia ter dado umas dicas a Al Capone. Ele só conseguiu atuar em três estados. Eu atuei em três continentes.»

A sua franqueza ao longo dos anos sair-lhe-ia cara, e foi preterido como comandante do Corpo de Fuzileiros, que abandonou em 1931, em ambiente de discórdia.

Se a «guerra [era] um esquema», como afirmava Butler, a Primeira Guerra Mundial foi um dos episódios mais sombrios na história humana destes ilícitos. Um dos factos menos conhecidos desta história é que, na véspera da Primeira Guerra Mundial, os bancos do Império Britânico estavam em crise. O modelo económico britânico, que, de forma a sobreviver, canibalizava cada vez mais economias do mundo sem investir na sua própria indústria, estava em falência. Os ciclos de depressão sucediam-se.

Pelo contrário, o recém-unificado Império Germânico liderava as nações da Europa continental, afastando-as do comércio livre e adotando medidas protecionistas que encorajavam o crescimento de uma base industrial doméstica, não tão dependente da colonização.

A Alemanha competia na produção de aço, na energia elétrica, na energia química, na agricultura, no ferro, no carvão e nos têxteis. Os seus bancos e caminhos de ferro cresciam e, na luta pelo petróleo, o novo combustível estratégico necessário para fornecer energia aos navios modernos, a frota mercante alemã ganhava rápido avanço sobre a britânica. A Inglaterra, agora fortemente dependente de importações de petróleo dos Estados Unidos e da Rússia, estava desesperada por encontrar potenciais novas reservas no Médio Oriente, que integrava o periclitante Império Otomano.

E quando os alemães começaram a construir um caminho de ferro para importar petróleo de Bagdade para Berlim, através das suas alianças com o Império Otomano, a Grã-Bretanha opôs-se vigorosamente. Os interesses dos seus impérios egípcio e indiano, próximos, viram-se ameaçados. Enormes tumultos nos Balcãs, particularmente na Sérvia, ajudaram a bloquear a construção do caminho de ferro de Berlim a Bagdade e a impedir que fosse concluído.

Com efeito, foi uma aparente questão secundária na Sérvia que finalmente desencadeou a sequência de acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, quando o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e a sua mulher foram assassinados nas ruas de Sarajevo, no verão escaldante de 1914. A situação deteriorou-se rapidamente e uma série de alianças complexas entre impérios económicos em competição conduziu à maior guerra da história da humanidade até então.

A guerra foi uma chacina do princípio ao fim, a um nível incompreensível para o grande público. Na primeira Batalha do Marne, em 1915, os britânicos, os franceses e os alemães sofreram 500 mil baixas cada. A guerra durou mais do que qualquer previsão. Num dia brutal no Somme, a Grã-Bretanha perdeu 60 mil homens. A França e a Alemanha sofreram quase um milhão de baixas na Batalha de Verdun, em 1916.

A França deu ordem aos seus soldados para carregarem sem descanso contra as metralhadoras e a artilharia alemãs, e acabou por perder metade dos seus jovens entre os 15 e os 30 anos. A Alemanha usou pela primeira vez gás venenoso na segunda Batalha de Ypres, em abril de 1915, na sequência de uma tentativa abortada em Bolimów, na frente oriental, cobrindo as tropas francesas ao longo de 6,5 quilómetros de trincheiras. O *Washington Post* relatou que os soldados franceses enlouqueceram ou morreram numa asfixia agonizante e os seus corpos ficaram negros, verdes ou amarelos.

Os britânicos retaliaram com gás em Loos, em setembro, saindo-lhes o tiro pela culatra: uma mudança de vento fez o gás voltar para as trincheiras britânicas, o que resultou em mais baixas do lado britânico do que do lado alemão. Em 1917, a Alemanha lançou contra os britânicos, de novo em Ypres, um gás mostarda ainda mais potente.

O romancista Henry James escreveu: «O mergulho da civilização neste abismo de sangue e trevas é algo que trai toda a longa era em que pensávamos que o mundo estaria gradualmente a melhorar.»

Woodrow Wilson era a personificação do ideal pré-guerra de Henry James, de esperança e civilização. Eleito pela primeira vez presidente em 1912, Wilson fez eco da simpatia da maioria dos norte-americanos pelos Aliados (Grã-Bretanha, França, Itália, Japão e Rússia), contra as Potências Centrais (Alemanha, Áustria, Hungria e Turquia), mas não entrou na guerra, com a seguinte explicação: «Temos de ser neutros. Se não o fossemos, a nossa população de várias origens entraria em guerra consigo própria.»

Ganhou a reeleição em 1916 com o *slogan* «Ele livrou-nos da guerra», mas em breve inverteria o rumo.

Wilson era um homem interessante. Fora presidente da Universidade de Princeton e governador de Nova Jérсия. Descendente de pastores presbiterianos dos dois lados da família, exibia um forte pendor moralista e, por vezes, uma inflexibilidade arrogante.

Partilhava o sentido de missionário do papel mundial dos Estados Unidos e acreditava na exportação da democracia — mesmo para os países pouco interessados em recebê-la. Também partilhava da convicção de superioridade racial branca dos seus antepassados sulistas, e tomava medidas para voltar a segregar o governo federal. Quando recebeu uma petição de uma delegação de afro-americanos, replicou: «A segregação não é uma humilhação, mas um benefício.»

O velho anti-imperialista William Jennings Bryan, que entretanto se tornara secretário de Estado de Wilson, tentou manter a neutralidade norte-americana na guerra, mas Wilson rejeitou os seus esforços para impedir que os cidadãos norte-americanos viajassem em navios de nações beligerantes.

A Grã-Bretanha, que durante praticamente um século controlara o Atlântico com uma força naval superior, lançou um bloqueio à Europa do Norte. A Alemanha retaliou com uma campanha de submarinos altamente eficazes, que parecia desequilibrar o jogo de poderes no mar alto. Em maio de 1915, um submarino alemão afundou o transatlântico *Lusitania*, matando 1200 pessoas, entre as quais 128 norte-americanos. Foi um choque. Ergueram-se vozes a favor da entrada dos Estados Unidos na guerra. Mas, apesar de desmentidos iniciais, descobriu-se que o navio violava, com efeito, as leis da neutralidade e que transportava um grande carregamento de armas para a Grã-Bretanha.

Bryan exigiu que Wilson condenasse o bloqueio britânico da Alemanha, bem como o ataque alemão, considerando ambos infrações aos direitos da neutralidade. Perante a recusa de Wilson, Bryan demitiu-se em sinal de protesto, temendo que Wilson se estivesse a inclinar para a guerra. Tinha razão. Wilson acreditava cada vez mais que se os Estados Unidos não entrassem na guerra, ser-lhes-ia negado um papel na redefinição do mundo no pós-guerra.

E, em janeiro de 1917, Wilson fez o primeiro discurso presidencial formal ao Senado desde os tempos de George Washington. Pediu «uma



Soldados norte-americanos a receber treino antigás em Camp Dix, Nova Jérсия. Apesar de ter sido interdita durante séculos, a guerra química generalizou-se durante a Primeira Guerra Mundial. Morreram milhares de pessoas com os ataques de gás venenoso.



paz sem vitória», com base nos princípios nucleares norte-americanos da autodeterminação, liberdade dos oceanos e de um mundo aberto, sem alianças ambíguas. O centro de tal mundo seria uma liga de nações que fizessem cumprir a paz. O idealismo de Wilson foi sempre suspeito porque parecia ser consistentemente minado pelas suas políticas. A neutralidade norte-americana nesta guerra era, na verdade, mais um princípio do que uma prática.

J.P. Morgan e Rockefeller, da Standard Oil, eram os dois titãs da alta finança norte-americana desde a Guerra Civil. Morgan morreu em 1913, mas o seu filho J.P. Morgan Jr. foi efetivamente o banqueiro norte-americano que financiou o Império Britânico entre 1915 e 1917, altura em que os Estados Unidos entraram na guerra.

Inicialmente, os Estados Unidos não autorizavam os banqueiros norte-americanos a conceder empréstimos às nações beligerantes, sabendo que isso viria a enfraquecer a propaganda neutralidade norte-americana, mas, em setembro de 1915, no seu primeiro mandato,

Wilson voltou atrás, ignorando os conselhos de Bryan. E, naquele mês, Morgan emprestou 500 milhões de dólares à Grã-Bretanha e a França. Em 1917, o Gabinete de Guerra britânico pedira emprestado cerca de 2,5 mil milhões de dólares à casa Morgan e a outros bancos de Wall Street. À Alemanha, apenas tinham sido emprestados 27 milhões de dólares.

Em 1919, depois da guerra, a Grã-Bretanha deu por si a dever aos Estados Unidos a soma astronómica de 4,7 mil milhões de dólares — 61 mil milhões de dólares, na moeda atual. Morgan também se tornou o único agente importador do Império Britânico nos Estados Unidos, com 20 mil milhões de dólares em encomendas e dois por cento de comissão sobre o preço de todos os bens, favorecendo amigos como os donos da Du Pont Chemical e as empresas de armamento Remington e Winchester.

O socialista Eugene Debs instara constantemente os trabalhadores a oporem-se à guerra, observando: «Deixem que os capitalistas combatam e paguem com os seus próprios cadáveres e verão que nunca mais haverá uma guerra à face da terra.»

Seja por razões financeiras ou idealistas, em abril de 1917, Woodrow Wilson pediu ao Congresso uma declaração de guerra, com as seguintes palavras: «É preciso tornar o mundo seguro para a democracia.» Seis senadores votaram contra, entre eles Robert La Follette, do Wisconsin, bem como 50 representantes do Senado, incluindo Jeannette Rankin, de Montana, a primeira mulher a ser eleita para o Congresso.

Os opositores atacaram Wilson, acusando-o de ser um instrumento de Wall Street. «Estamos a pôr o símbolo do dólar na bandeira americana», atacou o senador George Norris, do Nebraska. A oposição era considerável, mas Wilson conseguiu os seus objetivos.

Contudo, apesar dos apelos do governo para reunir um milhão de voluntários, os relatos dos horrores das trincheiras abafaram o entusiasmo e nas primeiras seis semanas alistaram-se apenas 73 mil homens, forçando o Congresso a decretar o recrutamento obrigatório.

Na aurora de 1918, parecia que as Potências Centrais estavam presas a vencer a guerra e a derrotar os Aliados, o que ameaçava deixar



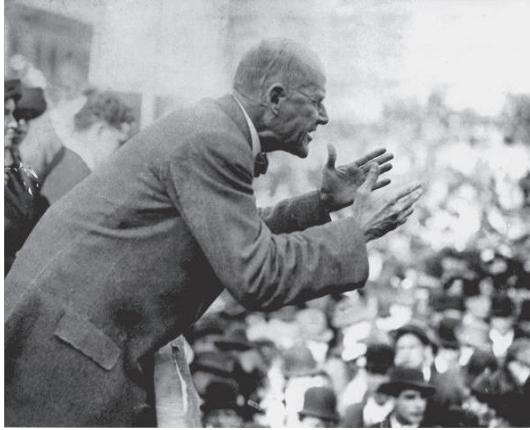
Robert «Fighting Bob» La Follette foi um dos seis senadores que votaram contra a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.

os banqueiros norte-americanos num gigantesco buraco financeiro. A América incitou a compra dos patrióticos Liberty Bonds⁴. E muitos dos principais progressistas da nação — incluindo John Dewey e Walter Lippmann — alinharam com Wilson. Mas foram republicanos do Midwest como La Follette e Norris a compreender que a guerra representava o toque de finados de significativas reformas internas.

E o Congresso confirmou tudo isto ao passar algumas das mais repressivas leis na história do país — a Lei Antiespionagem, de 1917, e a Lei Anticonspiração, de 1918 —, que limitavam a liberdade de expressão e criaram um ambiente de intolerância contra vozes discordantes.

Os professores universitários que se opuseram à guerra foram despedidos ou silenciados. Centenas de pessoas foram presas por se atreverem a tomar posição, incluindo o líder dos Trabalhadores Industriais do Mundo, «Big Bill» Haywood. Eugene Debs protestou várias vezes e acabou por ser preso, em junho de 1918, e afirmou: «Ao longo da história, as guerras foram motivadas pela conquista e pelo saque, e isto define-as em poucas palavras. (...) Foi sempre a classe dominante a declarar as guerras; e sempre a dominada a combater as batalhas.»

⁴ Títulos do tesouro emitidos para financiar o esforço de guerra. [N. do T.]



A coberto da Lei Antiespionagem de 1917, os Estados Unidos aprisionaram centenas de opositores ao recrutamento obrigatório, incluindo o líder dos Trabalhadores Industriais do Mundo, «Big Bill» Haywood, e o socialista Eugene Debs. Debs (representado acima a dirigir-se a uma multidão em Chicago, em 1912) instara os trabalhadores a oporem-se à guerra proclamando: «Deixem que os capitalistas combatam e paguem com os seus próprios cadáveres e verão que nunca mais haverá uma guerra à face da terra.»

Antes de receber a pena, Debs dirigiu-se com eloquência ao tribunal. «Meritíssimo, reconheci há anos a minha afinidade com todos os seres vivos e decidi que não sou melhor do que o ser mais mesquinho à face da terra. Nessa altura, afirmei, como afirmo agora, que enquanto houver uma classe inferior, eu estarei nela; enquanto houver um criminoso, eu serei seu semelhante; e enquanto houver uma alma na prisão, eu não estarei livre.»

O juiz condenou Debs a dez anos de prisão. Cumpriu três, de 1919 a 1921.

Com a autorização de Wilson, o Departamento de Justiça destruiu os Trabalhadores Industriais do Mundo — popularmente conhecidos como «Wobblies». À medida que alguns norte-americanos marchavam para a guerra ao som da canção de grande êxito *Over There*, os Wobblies respondiam com uma paródia de *Onward Christian Soldiers*, intitulado *Christians at War*, que terminava assim: «A história dirá que foram um rebanho de tontos amaldiçoados.»

Cento e sessenta e cinco dos líderes dos Trabalhadores Industriais do Mundo foram acusados de conspirar contra o recrutamento e de

encorajar a deserção. «Big Bill» Haywood fugiu para a Rússia revolucionária, sendo seguido por outros.

Os germano-americanos eram apontados com especial animosidade. As escolas, que entretanto exigiam dos professores juramentos de lealdade, baniram o alemão dos currículos e as orquestras expurgaram dos repertórios os compositores alemães. Assim como as batatas fritas viriam mais tarde a ser rebatizadas de «batatas da liberdade» por congressistas xenófobos furiosos com a oposição francesa à invasão do Iraque, em 2003, durante a Primeira Guerra Mundial os hambúrgueres passaram a ser conhecidos por «sanduíches da liberdade» e o chucrute passou a ser chamado de «couve da liberdade». A rubéola tornou-se «a rubéola da liberdade» e os pastores alemães tornaram-se «cães polícia».⁵

Os anos da guerra viriam a promover uma convivência sem precedentes entre as grandes corporações e o governo, numa tentativa de estabilizar a economia, controlar a competição desenfreada e garantir lucros aos fabricantes de munições, que eram por vezes denominados de «mercadores da morte».

Foi só mais de um ano após a declaração de guerra que as tropas norte-americanas finalmente chegaram à Europa, em maio de 1918, seis meses antes do fim dos conflitos. Nessa altura, ajudaram as enfraquecidas forças francesas a virar a situação ao longo do rio Marne. Com os seus efetivos militares e o seu poder industrial, a presença norte-americana teve um efeito psicológico enorme sobre a guerra e desmoralizou os alemães, que por fim se renderam.

A longa e desoladora guerra terminou a 11 de novembro de 1918. As baixas foram avassaladoras. Dos dois milhões de soldados norte-americanos que chegaram a França, mais de 116 mil sucumbiram e 204 mil ficaram feridos. As baixas europeias ultrapassaram os limites da razão, alcançando uns estimados oito milhões de soldados mortos, assim como seis a dez milhões de civis. Estes últimos pereceram frequentemente devido à doença e à fome. Mas tal como aconteceu na

⁵ Vários jogos de palavras intraduzíveis. Por exemplo, «French fries» (literalmente, «batatas francesas»), que se traduz em português por «batatas fritas», ou «German measles», que significa «rubéola». [N. do T.]

Segunda Guerra Mundial, nenhum povo sofreu mais do que o russo, com 1,7 milhões de mortos e quase 5 milhões de feridos.

Os sobreviventes viviam agora numa nova ordem mundial. A Grã-Bretanha e a França tinham sido gravemente enfraquecidas. O Império Germânico entrara em colapso. O Império Austro-Húngaro, com mais de 50 anos, terminara. O resultado foi uma reestruturação caótica da Europa de Leste. E o grandioso e poliglota Império Otomano de árabes, turcos, curdos, arménios, muçulmanos, cristãos e judeus, que durara 600 anos, estava agora em ruínas.

Na Rússia, um misterioso grupo de revolucionários, que ficaram conhecidos como os bolcheviques, prometendo pão, terra e paz, ascendeu ao poder em outubro de 1917, nos escombros do reino do czar Nicolau II. Este perdera o exército na chacina da Primeira Guerra Mundial e com ele a confiança dos soldados e dos trabalhadores, furtos da brutalidade dos combates.

Os bolcheviques, fortemente inspirados pelo intelectual judaico-germânico Karl Marx, reivindicavam a igualdade económica e social do ser humano. E começaram imediatamente a reorganizar a sociedade russa a partir das suas bases — nacionalizaram bancos, distribuíram terras e propriedades aos camponeses, deram o controlo das fábricas aos trabalhadores e confiscaram o património da Igreja.

E em março de 1918, a oito meses do final da Primeira Guerra Mundial e quase dois meses antes de as tropas norte-americanas entrarem em ação em França, o líder bolchevique Vladimir Lenine assinou um tratado de paz com a Alemanha, retirando a Rússia da guerra. Woodrow Wilson e os Aliados ficaram furiosos.

Os bolcheviques estavam determinados a destruir os velhos e secretos meandros do capitalismo e da construção de impérios, relegando-os para o caixote do lixo da história. Prometiam, acredite-se ou não, uma revolução mundial, e seguiram-se levantamentos em Budapeste, Munique e Berlim. Os impérios europeus remanescentes — Bélgica, Grã-Bretanha e França — tremeram.

A Europa não era tão abalada desde a Revolução Francesa, ocorrida há mais de um século. Uma onda de esperança galvanizou povos oprimidos em seis continentes, inspirados pela Revolução Russa.



Vladimir Lenine e os bolcheviques tomaram o poder na Rússia a 7 de novembro de 1917, alterando radicalmente o curso da história mundial. A visão de Lenine de uma revolução comunista mundial viria a inspirar trabalhadores e camponeses por todo o mundo, desafiando diretamente a visão de Woodrow Wilson, de uma democracia capitalista liberal.

Num ato ousado, a Guarda Vermelha de Lenine saqueou o antigo Ministério dos Negócios Estrangeiros e publicou os documentos encontrados — uma teia de acordos secretos entre os aliados europeus, dividindo o mapa do pós-guerra em zonas exclusivas de influência. Como os Estados Unidos viriam a reagir, em 2010, às publicações dos telegramas diplomáticos do caso Wikileaks, os Aliados ficaram indignados com esta violação do velho protocolo diplomático, que agora expunha o vazio daquilo a que Woodrow Wilson chamara «autodeterminação» após a guerra.

Wilson, ainda que horrorizado pelas ações de Lenine, já estava consciente e revoltado com o que os franceses e os britânicos haviam acordado secretamente. Todavia, não deixou de enviar tropas norte-americanas para o combate, em defesa dos impérios francês e britânico.

A contrarrevolução conservadora antibolchevique foi feroz. A nova Rússia era atacada por vários exércitos em todas as frentes — russos e cossacos, a legião checa, sérvios, gregos e polacos a Ocidente, os franceses na Ucrânia e cerca de 70 mil japoneses no Extremo

Oriente. Em resposta, Trotsky, o colíder revolucionário de Lenine, reuniu um implacável Exército Vermelho com cerca de cinco milhões de homens. Winston Churchill, o direto e influente ex-lorde do almirantado, afirmou: «O bolchevismo tem de ser estrangulado no berço.»

Aproximadamente 40 mil soldados britânicos chegaram à Rússia, alguns destacados para o Cáucaso, para proteger as reservas de petróleo em Baku. Embora a maior parte dos combates tivesse terminado em 1920, persistiram focos de resistência até 1923. Numa antecipação do que viria a acontecer 60 anos mais tarde, a resistência muçulmana na Ásia Central manteve-se até à década de 1930.

Wilson hesitou inicialmente em juntar-se às forças invasoras, rejeitando a ideia de derrubar o novo regime, mas acabou por enviar mais de 13 mil soldados norte-americanos, ajudando a armar e financiar as forças antibolcheviques. O senador Robert Lafollette deplorou esta ação, afirmando tratar-se de uma paródia do idealismo de Wilson.

Para negar aos contrarrevolucionários o seu principal ponto de apoio, em julho de 1918, num abalo devastador aos costumes da Europa pré-guerra, Lenine ordenou a execução do czar e respetiva família. Exilados para o interior do país, foram sumariamente alvejados, sendo a execução concluída numa cave, a golpes de baioneta.

A polícia secreta de Lenine, a Tcheka, foi coroada de êxito ao eliminar a maioria dos inimigos prevalentes dos bolcheviques. Contos do «Terror Vermelho», frequentemente exagerados, chegaram ao Ocidente. E quando Wilson permitiu que as tropas norte-americanas permanecessem na Rússia até 1920, envenenou profundamente o início de qualquer relação entre americanos e soviéticos. Os Estados Unidos não reconheceriam a Rússia soviética até à presidência de Franklin Roosevelt, em 1933.

Quando, em dezembro de 1918, chegou à Europa para a Conferência da Paz, em Paris, Wilson foi recebido por multidões em delírio. Dois milhões de pessoas aplaudiram-no em Paris. Quando entrou em Roma, as ruas foram salpicadas com areia dourada, como mandava uma antiga tradição. Os italianos proclamaram-no «Deus da Paz».



O presidente Woodrow Wilson a discursar no Teatro Grego, em Berkeley, na Califórnia, em setembro de 1919. Reeleito presidente em 1916, com o *slogan* «Ele livrou-nos da guerra», Wilson entrou na Primeira Guerra Mundial em 1917, na esperança de proporcionar aos Estados Unidos um papel na redefinição do mundo no pós-guerra. Com esta e outras ações, Wilson deixou a sua marca pessoal na Casa Branca e no país a um nível muito superior ao do seu predecessor imediato ou dos seus sucessores.

Vinte e sete nações reuniram-se em Paris, a 12 de janeiro de 1919. Wilson foi a estrela. O mundo ia ser refeito. Wilson considerava-se «o instrumento pessoal de Deus» e a Conferência da Paz era o auge da sua missão divina. Com efeito, era o momento da sua maior glória, mas como Alexandre na Babilónia, César em Roma e Napoleão nas fronteiras da Europa, Wilson havia alcançado o zénite do seu sucesso.

Ao reinterpretar a Primeira Guerra Mundial em termos ideológicos, na linha das guerras da Revolução Francesa um século antes, Wilson afirmava que esta fora uma guerra para mudar a humanidade, uma guerra para acabar com todas as guerras. Nesse ano, num discurso ao Senado dos Estados Unidos, viria a dizer que a estrada dos Estados Unidos no plano mundial «concretizou-se não por nossa conceção, mas por vontade divina. (...) Foi com este sonho que nascemos. Os Estados Unidos, garanto-vos, mostrarão o caminho». Na visão de Wilson, o destino manifesto dos Estados Unidos não era apenas um



Da esquerda para a direita: o primeiro-ministro britânico David Lloyd George, o primeiro-ministro italiano Vittorio Orlando, o primeiro-ministro francês Georges Clemenceau, e Wilson, na Conferência da Paz de Paris. Aí, a maioria dos ambiciosos e retóricos 14 Pontos de Wilson foi rejeitada pelos outros aliados, que procuravam vingança, novas colônias e domínio naval no mundo do pós-guerra.

caso de expansão continental. Era agora uma missão divina em nome da humanidade. Esta ideia de salvar a humanidade tornou-se essencial para o mito nacional norte-americano nas guerras que se seguiriam.

Um ano antes, com a guerra ainda em curso, numa tentativa de contrariar o apelo revolucionário de Lenine, Wilson anunciara um conjunto de princípios democráticos internacionais, incluindo o comércio livre, mar aberto e acordos transparentes entre nações, que se tornaria a base de uma nova paz internacional. A isto chamou os 14 Pontos.

Os alemães renderam-se confiando nos 14 Pontos de Wilson, na crença de que ele os protegeria de um desmembramento pelos Aliados. Chegaram até a mudar a sua forma de governo, adotando uma república, e opuseram-se ao imperador, que em breve desapareceria no exílio. Os Estados Unidos eram a nova força dominante no mundo. Embora fosse, em 1914, um país com uma dívida de 3,7 mil milhões

de dólares, tornara-se, em 1918, uma nação credora a que os Aliados deviam 3,8 mil milhões de dólares.

No entanto, os velhos impérios multinacionais, que subsistiam desde a Idade Média, não se interessavam pelo idealismo de Wilson — queriam vingança, dinheiro e colónias. O primeiro-ministro britânico, Lloyd George, notou que nos Estados Unidos não fora destruída «uma única barraca». O primeiro-ministro francês, Georges Clemenceau, cujo país perdera acima de um milhão de soldados, comentou: «O Sr. Wilson aborrece-me com os seus 14 Pontos; ora, Deus todo-poderoso só tem 10!» Em consequência desta atitude, vários dos 14 Pontos de Wilson, mal definidos, seriam removidos do Tratado de Versalhes.

A Grã-Bretanha, a França e o Japão dividiram as antigas colónias alemãs na Ásia e em África e, com palavras ocas em favor da prometida autodeterminação dos árabes que se tinham revoltado contra o Império Otomano, Winston Churchill e o Ministério dos Negócios Estrangeiros dividiram aquele império criando novos estados clientes, como a Mesopotâmia, que foi arbitrariamente rebatizada de Iraque.

A perspetiva de uma futura nação judaica na Palestina também foi estabelecida por carta do secretário dos Negócios Estrangeiros britânico, Arthur Balfour, ao banqueiro judeu, lorde Rothschild. A Liga das Nações estabeleceu um protetorado na Palestina. Aproximadamente 85 por cento da população nativa era árabe-palestiniana e menos de oito por cento judaica.

Os antigos impérios branquearam as suas ações ao chamar a estas colónias «mandatos» e Wilson alinhou, argumentando que os alemães tinham explorado implacavelmente as suas colónias, enquanto os Aliados tratavam as suas humanamente — uma afirmação recebida com incredulidade pelos habitantes da Indochina francesa.

Um jovem Ho Chi Minh alugou um fraque e um chapéu de coco e visitou Wilson com uma petição pela independência vietnamita. Como outros líderes do Terceiro Mundo que igualmente aguardavam, Ho viria a perceber que a libertação só seria possível pela luta armada — não pela generosidade de Woodrow Wilson.

Embora Lenine não tivesse sido convidado para ir a Paris, a presença da Rússia lançou uma sombra sobre os encontros. Lenine chamou



Ho Chi Minh, da Indochina francesa, alugou um fraque e um chapéu de coco e visitou Wilson e a delegação norte-americana na Conferência da Paz. Trazia uma petição que exigia a independência do Vietname. Como outros líderes do Terceiro Mundo que também aguardavam, Ho viria a perceber que a libertação só seria possível pela luta armada — não pela generosidade dos colonizadores.

a Wilson «um falinhas mansas». Disse: «Apenas revolucionários genuínos são de confiança!» E enquanto os delegados reuniam, os comunistas tomavam a Baviera e a Hungria e ameaçavam Berlim e a Itália.

O apelo de Lenine à revolução mundial foi ouvido no Terceiro Mundo, em regiões tão longínquas como a China e a América Latina.

Focado exclusivamente na sua Liga das Nações, que considerava essencial para impedir guerras futuras, Wilson fracassou em garantir o tipo de tratado não punitivo que advogava publicamente.

A Grã-Bretanha e a França aplicaram perversamente o conceito de autodeterminação de Wilson contra a Alemanha — deixando milhões de cidadãos fora das suas novas e diminuídas fronteiras. Na sua famosa cláusula de culpa de guerra, o Tratado de Versalhes atribuiu a responsabilidade exclusiva da guerra à Alemanha e não aos outros impérios coloniais. Exigiu ainda que esta pagasse quase 33 mil milhões de dólares aos Aliados por reparações de guerra — mais do dobro do que a Alemanha esperava.

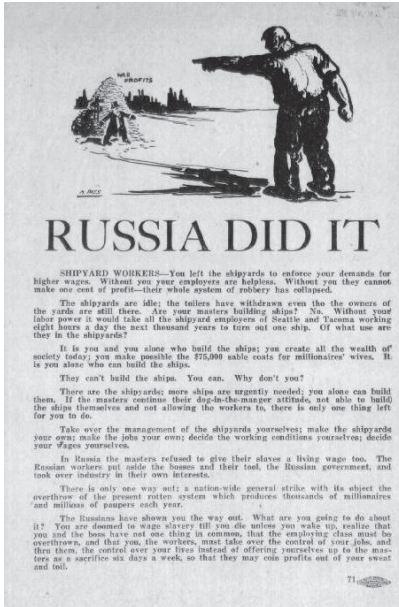


THE GAP IN THE BRIDGE.

Como mostra este *cartoon* da *Punch*, de dezembro de 1919, ao rejeitar a participação dos Estados Unidos na Liga das Nações, o Congresso norte-americano esvaziou a Liga da sua eficácia. Wilson ajudara a garantir a derrota da Liga ao silenciar potenciais aliados anti-imperialistas durante a guerra.

Com lugar de destaque na delegação de Wilson, Thomas Lamont era sócio principal da casa Morgan e homem de confiança de Wilson. Lamont certificou-se de que os pagamentos da Alemanha à Grã-Bretanha e a França lhes permitiriam, por sua vez, pagar a fortuna que tinham pedido emprestado a Wall Street para sobreviver à guerra. Na realidade, toda a nova estrutura da finança internacional assentava nos alicerces frágeis das indenizações de guerra alemãs, que em breve contribuiriam para o colapso económico alemão a partir do qual Adolf Hitler ascenderia ao poder.

Nos anos seguintes, o Congresso dos Estados Unidos investigaria as maquinações dos chamados mercadores da morte. Tratava-se de industriais e banqueiros que haviam lucrado obscenamente com a guerra. Ninguém foi condenado, nada foi provado. Mas um sentimento populista de desconfiança contra a Primeira Guerra Mundial permaneceu na memória coletiva. Muitos, incluindo senadores do Congresso, sentiram que milhões de pessoas tinham sido sacrificadas



Em 1919, mais de quatro milhões de trabalhadores norte-americanos entraram em greve, exigindo salários mais altos, melhores condições de trabalho e o direito à sindicalização. Como ilustrado por este panfleto da Greve Geral de Seattle, a Revolução Russa ajudou a inspirar e a intensificar a militância laboral.

num enorme sorvedouro financeiro destinado a beneficiar banqueiros e os demais que lucraram com a guerra. A amargura deste sentimento era intensa.

Wilson voltou a casa para encontrar um país em que o descontentamento grassava entre os trabalhadores norte-americanos e onde existia uma ânsia geral de reforma. No ano de 1914, por exemplo, chegaram a morrer 35 mil trabalhadores em acidentes industriais. Mais de quatro milhões de trabalhadores fizeram greve só em 1919: 365 mil metalúrgicos, 450 mil mineiros e 120 mil trabalhadores da indústria têxtil. Em Seattle, uma greve geral paralisou a cidade. Em Boston, as próprias forças policiais juntaram-se à contestação, levando o *Wall Street Journal* a alertar: «Lenine e Trotsky vêm aí.»

O presidente Wilson, em resposta, queria desacreditar a mensagem de Lenine. O comunismo era uma loucura europeia, insistia, não era norte-americana.

No chamado Verão Vermelho de 1919, tumultos raciais explodiram descontroladamente em Chicago e em várias outras cidades, incluindo Washington, DC. Tropas federais foram chamadas para restaurar a ordem.

O presidente Wilson continuou a viajar pelo país, defendendo que os Estados Unidos tinham de ratificar o Tratado de Versalhes e estabelecer a Liga das Nações para garantirem a sua visão de paz mundial. Os republicanos progressistas denunciaram a Liga das Nações de Wilson como sendo uma liga de imperialistas, destinada a derrotar revoluções e a defender os seus próprios desejos imperialistas. Os críticos exigiam mudança, mas para Wilson nenhuma alteração era aceitável.

A saúde do presidente começou a deteriorar-se e, em setembro de 1919, num último discurso em Pueblo, no Colorado, entrou em colapso, sofrendo um grave AVC que o incapacitou para o resto da vida.

Em novembro de 1919, o procurador-geral A. Mitchell Palmer lançou agentes federais por todo o país no primeiro de uma série de raids a organizações radicais e trabalhistas. A operação foi conduzida pelo diretor, de 24 anos, da divisão radical do Departamento da Justiça — J. Edgar Hoover. Foram presos entre três a dez mil dissidentes, alguns encarcerados durante meses sem acusação formal. Centenas de radicais nascidos no estrangeiro, como a russa de nascimento Emma Goldman, foram deportados à medida que os direitos civis eram crescentemente violados e a dissidência identificada como não patriótica.

O Senado rejeitou o Tratado de Versalhes por sete votos. A Liga das Nações nasceu, mas foi esvaziada pela ausência dos Estados Unidos. Wilson morreu em 1924, um homem desfeito.

No início da década de 1920, os Estados Unidos de Jefferson, Lincoln e William Jennings Bryan tinham deixado de existir, substituídos pelo mundo dos Morgan, dos banqueiros de Wall Street e das gigantescas corporações. Wilson esperara transformar o mundo, mas o seu legado é muito menos positivo. Ao mesmo tempo que apoiava a autodeterminação e se opunha a um império formal, intervinha vezes sem conta nos assuntos internos das outras nações, incluindo a Rússia, o México e um pouco por toda a América Latina. Ao mesmo tempo que encorajava a reforma, guardava uma profunda desconfiança em relação ao tipo de mudança fundamental, e por vezes revolucionária, que melhoraria efetivamente a vida das pessoas. Ao mesmo tempo que defendia a irmandade entre os homens, acreditava que as outras raças eram inferiores e voltou a segregar o governo federal.

Ao mesmo tempo que elogiava a democracia e o primado da lei, foi responsável por violações flagrantes dos direitos civis.

Os falhanços de Wilson concluíram um período em que a combinação única de idealismo, militarismo, avarizia e diplomacia dos Estados Unidos impeliram o país no sentido de se tornar um novo império. Em 1900, o público rejeitou William Jennings Bryan e aderiu à visão de comércio e prosperidade de William McKinley e, ao fazê-lo, legitimou as conquistas imperiais dos Estados Unidos. Na verdade, a eleição de 1900 fez os Estados Unidos iniciarem uma trajetória sem retorno.

«A MAIS IMPORTANTE NARRATIVA HISTÓRICA DOS ÚLTIMOS 100 ANOS.»

Martin J. Sherwin, historiador, vencedor do Prémio Pulitzer

O chamado excecionalismo americano, que atribui aos Estados Unidos características únicas entre as nações, continua a moldar a visão que os norte-americanos têm do papel do seu país no mundo e a forma como o mundo interpreta as ações dos norte-americanos.

Mas os factos revelam uma outra verdade, como Oliver Stone e Peter Kuznick contam nesta obra fundamental sobre as luzes e as sombras do império americano. Munidos das mais recentes descobertas obtidas em documentos desclassificados e da investigação de académicos prestigiados, os autores revelam a história escondida dos EUA, por vezes chocante, mas meticulosamente documentada. Stone e Kuznick mostram, por exemplo, que:

Os bombardeamentos atómicos de Hiroxima e Nagasaki foram militarmente desnecessários e moralmente indefensáveis.

Foram os EUA, e não a União Soviética, que mais contribuíram para a perpetuação da Guerra Fria.

A preferência dos EUA por ditadores de direita em muitos países traduziu-se pelo afastamento do poder de líderes eleitos, pelo treino e armamento de milícias assassinas, e ainda pelo lançamento na pobreza de milhões de pessoas.

Fundamentalistas islâmicos financiados pelos EUA, que começaram por combater os soviéticos no Afeganistão, vieram depois ameaçar os interesses dos americanos e dos seus aliados.

Os EUA usaram repetidamente o argumento da ameaça de uma guerra nuclear e estiveram muito perto de a gerar.

Abrangendo um período de mais de um século da história mundial, este é um documento histórico singular que resulta de uma profunda e rigorosa investigação de cinco anos, revelando toda a verdade sobre os meandros do imperialismo norte-americano.



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.vogais.pt

v o g a i s
com todas as letras

Suplemento

ISSN 078-989-8086-00-7



9 789898 086907

História